

A HISTÓRIA DA PÉTALA: ETIMOLOGIA DE UM TERMO CIENTÍFICO

THE HISTORY OF 'PÉTALA': ETYMOLOGY OF A SCIENTIFIC TERM

*Bruno Maroneze**

Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, Brasil

Resumo: O presente trabalho descreve a diacronia de pétala, o termo da Botânica que apresenta duas formas concorrentes em português: *pétala* (feminino) e *pétalo* (masculino). A partir de conceitos teórico-metodológicos da Etimologia, identificaram-se inicialmente as formas cognatas em francês, espanhol e italiano; em seguida, buscou-se encontrar as datações (o chamado *terminus a quo*) para ambas as formas em português. Observou-se que a datação da língua portuguesa é posterior à identificada para o francês e para o italiano, línguas nas quais o mesmo termo também apresenta oscilação de gênero. Em seguida, quatro hipóteses são consideradas para a existência de ambas as formas em português: (1) o feminino originado do neutro plural latino; (2) a influência do gênero feminino de *folha*; (3) a influência do adjetivo *apétalo* na forma feminina; e (4) a influência no português de outras línguas em que também ocorre a oscilação de gênero. A conclusão aponta que o fenômeno deve ser explicado levando em consideração a existência de múltiplas causas, tipo de explicação comum em Etimologia.

Palavras-chave: Etimologia de pétala; Linguística Histórica; Lexicologia diacrônica; Terminologia diacrônica; Etimologia.

Abstract: *This study describes the diachrony of pétala ('petal'), a term of Botany that presents two competing forms in Portuguese: pétala (feminine) and pétalo (masculine). Starting from some theoretical and methodological concepts in Etymology, we initially identified the cognate forms in French, Spanish and Italian; then we sought to find the first dates (the so-called terminus a quo) of the Portuguese forms. We observed that the dates for the Portuguese language are later than those identified for French and Italian, languages in which the same term also presents gender oscillation. Four hypotheses are then considered for the existence of both forms in Portuguese: (1) the feminine as originating from the Latin neuter plural; (2) the influence of the feminine gender of the word folha 'leaf'; (3) the influence of the adjective apétalo 'without petals' in the feminine form; and (4) the influence of the other languages in which there is the same gender oscillation. The conclusion points out that the phenomenon must be explained taking into account the existence of multiple causes, which is a common type of explanation in Etymology.*

Keywords: *Etymology of 'pétala'; Historical Linguistics; Diachronic Lexicology; Diachronic Terminology; Etymology.*

* Doutor da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, MS, Brasil; brunomaroneze@ufgd.edu.br

1 Introdução¹

O objetivo deste trabalho é descrever a etimologia e a diacronia dos termos concorrentes *pétala* e *pétalo*, termos da Botânica surgidos no século XVIII. A partir daí, discutir-se-ão também algumas questões teórico-metodológicas a respeito de estudos de Etimologia.

Na seção 1.1, a seguir, é apresentada a existência de duas formas concorrentes, a masculina (*pétalo*) e a feminina (*pétala*) para o mesmo conceito. Em seguida, apresentam-se alguns conceitos teórico-metodológicos em Etimologia (seção 2) e, na seção 3, a descrição dos dados analisados, coletados em sua maioria por meio de buscas no portal *Google Livros*. Quatro hipóteses são levantadas para explicar a existência das duas formas. Nas considerações finais (seção 4), propõe-se que a existência de ambas as formas se deve a múltiplas causas, o que é um tipo de explicação comum em Etimologia.

1.1 Apresentação do problema: *pétala* ou *pétalo*

A língua portuguesa apresenta dois termos concorrentes para designar o mesmo referente: *pétala* e *pétalo*. O dicionário Houaiss registra apenas a forma feminina *pétala*, definindo-a como “cada uma das peças florais que constituem a corola”² (HOUAISS; VILLAR, 2009, verbete “pétala”). A datação fornecida pelo dicionário é o ano de 1836, e a etimologia é “gr. *pétalon*, ou ‘pétala, folha, placa, lâmina’, pelo lat. *petalum*, *i* id.”. O dicionário não registra a forma masculina *pétalo*, registrada por outros dicionários (como o Michaelis, que acrescenta a rubrica “desus.”).

O étimo latino *petalum* revela tratar-se de cultismo (ou seja, palavra não herdada diretamente do latim falado – cf. Viaro, 2011, p. 114), visto que não sofreu as alterações esperadas (como a sonorização de *t* para *d* ou a queda do *l* intervocálico), tendo sofrido apenas adaptações à estrutura da língua portuguesa. No entanto, em

¹ A primeira versão deste trabalho foi apresentada no 4.º CINEO – Congresso Internacional de Neologia nas Línguas Românicas, em Lyon (França), 2018. Agradeço a Mário Eduardo Viaro e a Ieda Maria Alves pelas valiosas indicações bibliográficas.

² Trata-se de um exemplo de definição circular, pois “corola”, no mesmo dicionário, é definida como “verticilo floral formado pelas pétalas”.

relação às formas *pétalo* e *pétala*, é nitidamente perceptível que a forma masculina é a que está mais “próxima” do étimo latino. Assim, as seguintes perguntas passam a ser relevantes:

- (1) Por que ocorre, em português, a forma feminina *pétala*? Como ela surge?
- (2) Em que período e por qual razão a forma feminina suplanta a forma masculina? Seria uma das formas posterior à outra?

A busca por respostas a essas perguntas traz conclusões importantes para o estudo da diacronia dos termos científicos na língua portuguesa. Em especial, mostrar-se-á que uma afirmação etimológica como “*pétala* vem do latim *petalum*” é insuficiente para descrever a dinâmica de criação e difusão de termos científicos nas línguas românicas e demais línguas europeias.

1 Alguns conceitos teóricos e metodológicos

Viaro (2011) apresenta o conceito de *terminus a quo* como um dos conceitos mais importantes para se descrever a etimologia de uma palavra. Trata-se da “datação do limite mais antigo da forma investigada” (VIARO, 2011, p. 106). Além desse conceito, o autor propõe a distinção teórico-metodológica entre étimo e *origem*: a origem é o ponto mais remoto até onde se pode rastrear a história de uma palavra, enquanto o étimo é a forma da palavra em alguma sincronia imediatamente anterior à sincronia atual. Por exemplo, em relação ao verbo português *deletar*, de entrada recente na língua portuguesa, pode-se afirmar que o seu étimo é o verbo inglês *delete*, usado no campo da informática; já a sua origem seria o verbo latino *delere*, que deu origem à forma inglesa.

Subjacente a esses conceitos está a ideia de que pode ser estabelecida uma relação de contiguidade entre formas de sincronias e sistemas linguísticos diferentes, a ponto de se poder afirmar que se trata da “mesma palavra” em sincronias diversas. Assim, em certo sentido, é possível afirmar que, no latim *delere*, passando para o inglês *delete* e para o português *deletar*, tem-se a mesma palavra. A etimologia de uma palavra constitui-se, portanto, na identificação das formas de uma “mesma

palavra” e na descrição das transformações ocorridas com essas formas em diferentes sincronias.

Em relação ao caso aqui estudado, faz-se necessário, portanto, buscar os *termini a quibus* (plural de *terminus a quo*) das formas *pétala* e *pétalo*. Evidentemente, seria impossível encontrar a data exata da primeira vez em que uma palavra foi usada em português; a busca pelo *terminus a quo* passa a ser, assim, a busca pela datação mais antiga possível de ser encontrada.

Atualmente, com a disponibilização de grandes quantidades de textos por meio da Internet, essa tarefa foi grandemente facilitada. A base de dados do *website* Google Livros (<https://books.google.com.br/>), por conter mais de 25 milhões de títulos³, representa uma excelente fonte de dados⁴ para pesquisas etimológicas, como ficará demonstrado neste trabalho. Os dados de datações aqui apresentados foram, portanto, localizados por meio de consultas no Google Livros.

Outra importante questão metodológica abordada por Viaro (2011) é a comparação com outras línguas com as quais a língua portuguesa teve e tem contato. Conforme afirma o autor: “Para a Etimologia, é importante saber se o trânsito de uma palavra deixou marcas onde quer que tenha passado” (VIARO, 2011, p. 266). No caso específico de *pétalo* e *pétala*, faz-se necessário, portanto, identificar o trânsito possível dessas palavras em outras línguas, especialmente as línguas românicas e demais línguas europeias. Por esse tema, inicia-se a discussão, no item seguinte.

2 Discussão dos dados encontrados

2.1 Cognatos em outras línguas

Inicialmente, verificaram-se os dados disponíveis sobre os cognatos de *pétalo/pétala* em outras línguas europeias. Restringir-se-ão as discussões ao francês, ao espanhol e ao italiano, por serem as línguas românicas que mais probabilidade tiveram

³ Segundo está informado no verbete *Google Books* da *Wikipedia* (https://en.wikipedia.org/wiki/Google_Books).

⁴ Deve-se levar em consideração que a base de dados do Google Livros apresenta diversos problemas de digitalização. Assim, seus dados devem ser usados com cautela. Em especial, deve-se sempre verificar se a obra encontrada está com a data indicada corretamente.

de influenciar o português no século XVIII (período de adoção do termo *pétalo/pétala* em português).

2.1.1 Francês

A principal obra de referência para a língua francesa é o *Trésor de la Langue Française* (disponível para consulta no *site* <http://stella.atilf.fr/>). Nesta obra, o verbete *pétale* é registrado como substantivo masculino e apresenta, pelo menos, mais duas informações relevantes:

- a) A atestação mais antiga em francês (o *terminus a quo* nessa língua) é a obra de Jussieu intitulada *Discours sur le Progrès de la Botanique*, publicada no ano de 1718;
- b) O primeiro emprego em latim, conforme relatado pelo *Trésor* (que remete ao dicionário de Richelet, 1759), teria sido em uma obra de Fabio Colonna, impressa em Roma, em 1649.

Assim, vê-se que a palavra em francês é de gênero masculino. No entanto, na língua francesa, é muito comum que palavras terminadas em *-e* sejam de gênero feminino. Curiosamente, o próprio dicionário de Richelet, mencionado pelo *Trésor* (RICHELET, 1759, verbete *pétales*), diz outra coisa: nele, *pétale* é palavra feminina.

A gramática francesa de Grevisse (GREVISSE; GOOSSE, 2008, p. 609) inclui *pétale* na lista de palavras que devem ser usadas no masculino, embora por vezes os falantes hesitem quanto a esse emprego. Além disso, uma pesquisa, no Google, feita em 27 de junho de 2019 pela expressão “une pétale” (portanto, de gênero feminino), revelou alguns *sites* sobre a língua francesa em que é justamente discutido qual seria a forma correta, se feminina ou masculina. Embora haja menos ocorrências para a forma feminina (“une pétale” tem 121 mil resultados contra 797 mil para “un pétale”), tem-se evidência suficiente para afirmar que a palavra francesa tem, na verdade, um gênero oscilante (embora com esforços normativos para o masculino), e que essa oscilação é antiga na língua, conforme atesta o dicionário de Richelet. Na seção 3.3, apresentar-se-á a hipótese de que a forma

feminina da língua francesa é uma forma influenciadora do surgimento da forma feminina portuguesa.

2.1.2 Espanhol

O dicionário etimológico de Corominas (1981) não apresenta verbete para *pétalo*. No entanto, no verbete “PAILA” (vasilha grande de metal), Corominas explica que, da mesma raiz de *paila*, há o vocábulo grego *petálon*, que deu origem ao castelhano *pétalo*, com a indicação de data “[Acad. S. XIX]”, ou seja, que tal verbete foi registrado pelo dicionário da Real Academia Espanhola a partir do século XIX. Nenhuma outra indicação de data é apresentada.

O dicionário da Real Academia Española registra apenas a forma masculina *pétalo*. Porém, por meio de uma pesquisa⁵, no Google Livros, pela expressão “las pétalas” (efetuada em 30 de junho de 2019), é possível encontrar ocorrências da forma feminina em espanhol. Em especial, encontrou-se um contexto dos “Anales del Instituto de Biología” da Universidade Autônoma do México, do ano de 1947, à p. 183:

(...) Extremidad caudal del macho enrollada en espiral, con alas laterales angostas: com tres o seis pares de papilas adanales, un par a la mitad de la distancia entre la cloaca y el final de la cola y otro pequeño par próximo a las pétalas y en posición lateral (...)⁶

O portal Google Livros não fornece acesso ao texto integral, razão pela qual não é possível verificar o contexto maior em que aparece a palavra. No entanto, as referências a “cloaca” e “cola” (cauda) revelam ser a descrição de um animal, e não

⁵ Esta pesquisa retorna diversos contextos em que se observam erros de reconhecimento de caracteres. Devido a isso, pesquisas como essa devem ser sempre verificadas e seus dados devem ser analisados com cautela.

⁶ “(...) Extremidade caudal do macho enrolada em espiral, com alas laterais estreitas: com três ou seis pares de papilas adanaís, um par à metade da distância entre a cloaca e o final da cauda e outro pequeno par próximo às pétalas e em posição lateral (...)” (tradução nossa).

uma flor. Dessa forma, não se pode afirmar que se trata de um equivalente espanhol do português *pétala*.

Além desse contexto, a pesquisa no Google Livros ainda retorna outros dois, mais claramente relacionados a flores, em textos literários do século XXI, mas que são traduções espanholas de obras escritas originalmente em português.

A partir desses dados, é possível afirmar, portanto, que, em espanhol, ocorre apenas a forma masculina (com uma ocorrência obscura da forma *pétala*, aparentemente com outro significado), mas a datação precisa da palavra não está ainda estabelecida.

2.1.3 Italiano

Em relação ao idioma italiano, o dicionário etimológico de Cortellazzo e Zolli (2004) registra a forma masculina *pétalo*, datada de 1747. Também se encontra nesse verbete a mesma informação encontrada no *Trésor de la Langue Française*, de que o primeiro emprego da palavra em latim teria sido numa obra de Fabio Colonna.

No entanto, encontrou-se, por meio de uma pesquisa no portal Google Livros, uma obra do século XVIII, em que o gênero da palavra está oscilante. Trata-se da obra *Ciclopedia ovvero Dizionario Universale delle Arti e delle Scienze*, traduzido do inglês e acrescido de mais verbetes por Giuseppe Maria Secondo. Foi publicado em oito tomos. No tomo VII, publicado em 1753 (portanto, muito próximo da data da atestação mais antiga da palavra em italiano), encontra-se o verbe *petala*, que é usado como a forma do plural: “PETALA, in Botanica, sono le frondi de' fiori”⁷.

Mais adiante, no mesmo verbe, encontra-se a forma *petalo* para o singular: “I fiori composti, inoltre, sono o circondati di un semplice *petalo*, o pezzo, o di molti pezzi”⁸. E, um pouco mais adiante, encontra-se ainda uma segunda forma para o plural, *petali*: “Inoltre dalla regolare, o irregolare configurazione de' *petali*, il signor Jessieu fa un'altra divisione di fiori in classi”⁹.

⁷ “PÉTALAS, em Botânica, são as folhas das flores” (tradução nossa).

⁸ “As flores compostas, além disso, são ou circundadas por uma única *pétala*, ou peça, ou por muitas peças” (tradução nossa).

⁹ “Além da configuração regular ou irregular das *pétalas*, o senhor Jessieu faz uma outra divisão das flores em classes” (tradução nossa).

Curiosamente, o tomo IV do mesmo dicionário, publicado em 1748, em seu verbete “fiore” (flor), traz ainda uma terceira forma para o plural, a forma claramente feminina *petale*: “FIORI *polipetali*, che sono quelli, che hanno le petale distinte”¹⁰.

Pode-se concluir, a partir desses dados, que a palavra italiana *pétalo* teve, no período próximo à sua introdução na língua, oscilações quanto ao gênero e quanto às formas do singular e do plural. Tais oscilações parecem não ser incomuns em neologismos recém-adotados por um idioma, refletindo o período natural de adaptação à língua receptora.

Dessa forma, pode-se perceber que essas oscilações ocorreram em francês, italiano e português; a julgar pelas datas que se tem para os *termini a quibus*, é possível levantar a hipótese de que a palavra entrou primeiro no idioma francês, em seguida, no italiano, e, por fim, no espanhol e no português. Embora nos quatro idiomas a palavra tenha como étimo a forma do latim científico (porque textos em latim científico circulavam pelas universidades europeias), é possível conjecturar que a forma francesa tenha influenciado as formas italiana e portuguesa. Na seção 3.3, serão apresentadas algumas hipóteses explicativas para essa oscilação de formas e para essas influências entre os idiomas.

2.2 O *terminus a quo* na língua portuguesa

A data apresentada pelo dicionário Houaiss como *terminus a quo* de *pétala* (1836) é posterior em mais de um século à data apresentada pelo *Trésor* para o francês e, em várias décadas, à apresentada para o italiano. Além disso, essa data refere-se apenas à forma feminina, sendo necessário encontrar o *terminus a quo* também para a forma masculina.

Por meio de pesquisas no portal Google Livros, é possível encontrar datas mais recuadas tanto para *pétalo* quanto para *pétala*. Em relação à forma feminina, o contexto mais antigo apontado pelo Google Livros é de 1793. Trata-se do célebre *Diccionario da Lingoa Portuguesa* da Academia Real das Ciências de Lisboa, que só teve publicado o seu primeiro volume (letra A). No verbete *amoreira*, lê-se: “(...) As

¹⁰ “FLORES *polipétalas*, que são aquelas que têm as pétalas distintas” (tradução nossa).

flores masculinas estão alligadas a hum fio em forma de espiga, sem pétalas, mas com quatro estames. As femininas também não tem pétalas (...)."

Já a data mais antiga para a forma *pétalo* é 1788, data de publicação do *Dicionário dos Termos Technicos de Historia Natural* de Domingos Vandelli. Nesse dicionário latim-português, na explicação do termo latino *ala*, lê-se "Azas se dizem os petalos das flores papilionaceas" (VANDELLI, 1788, p. 197).

Com isso, o *terminus a quo* de *pétala/pétalo* recua em algumas décadas, já mais próximo das datas do francês e do italiano. No entanto, embora a data de *pétalo* seja anterior à de *pétala*, a diferença é de apenas cinco anos, não sendo significativa para afirmar que uma das formas é de fato anterior à outra. Parece mais adequado afirmar que a palavra entra na língua portuguesa já apresentando oscilação entre essas formas. Pesquisas futuras de datação poderão recuar mais o *terminus a quo* dessas formas.

Se a forma usada pelo português atual é *pétala*, convém indagar se a concorrência entre ambas as formas foi breve ou duradoura. Já no início do século XX, o dicionário de Cândido de Figueiredo (1913, verbete "pétalo") define *pétalo* como "Forma preferível a *pétala*, mas desusada", o que pode apontar para uma "morte" dessa forma já nessa data. No entanto, pesquisas no portal Google Livros indicam que a forma masculina, ao contrário, teve um emprego duradouro ao longo dos séculos XIX e XX. A atestação mais recente encontrada data de 1996, nos volumes 19 e 20 da Revista Brasileira de Botânica. O texto não está disponível na íntegra, mas é possível ler, no trecho apresentado (p. 122) "sépalos e pétalos direitos foram seccionados".

Aparentemente, o emprego de *pétalo* no século XX está majoritariamente restrito a contextos técnico-científicos (especialmente descrições botânicas de flores). No século XIX, no entanto, é possível encontrar a forma masculina em outros contextos, como num poema de Lúcio de Mendonça (MENDONÇA, 1875, p. 20): "Olha o macio pétalo corado / De rosa que de todo não abrisse...".

Pode-se concluir, dessa forma, que ambas as formas *pétalo* e *pétala* entram na língua portuguesa em fins do século XVIII e permanecem em concorrência até o século XIX; no século XX, a forma feminina fixa-se como a mais frequente, enquanto a forma masculina permanece restrita a contextos técnico-científicos, até

o final do século XX, quando, aparentemente, cai em desuso por definitivo, com “vitória” da forma feminina em todos os contextos de uso.

2.3 Hipóteses para a existência da forma feminina

Passa-se, agora, a considerar possíveis explicações diacrônicas para a existência da forma feminina.

2.3.1 Gênero feminino derivado da forma do neutro plural

É fato conhecido na Linguística Românica que diversas unidades lexicais latinas de gênero neutro passaram para as línguas românicas como de gênero feminino, devido à forma do neutro plural latino, terminada em *-a*. Coutinho (1974, p. 234-235) menciona *lenha* (< *ligna*, plural de *lignum*), *folha* (< *folia*, plural de *folium*), *ova* (< *ova*, plural de *ovum*) etc. Esse fenômeno ocorre especialmente com unidades lexicais que designam seres coletivos ou seres encontrados naturalmente em grandes quantidades, como revelam os exemplos de *lenha* e *folha*.

Assim, é possível levantar a hipótese de que a forma *pétala* teria surgido do plural latino *petala*, forma plural do neutro singular *petalum*. Reforçaria essa hipótese o fato de que é mais comum que flores tenham várias pétalas em vez de uma única. No entanto, convém lembrar que, ao contrário de *folha*, *lenha* e outros casos “clássicos” da Linguística Românica, *pétala* não é forma herdada, mas entrou na língua portuguesa por meio do chamado latim científico. Para aceitar a validade dessa hipótese, portanto, deve-se supor que os cientistas do século XVIII teriam feito certa “confusão” entre o neutro plural e o feminino singular – “confusão” essa facilmente concebível para os falantes do latim popular da Antiguidade, mas menos aceitável para cientistas altamente letrados do Iluminismo.

2.3.2 Analogia com *folha* – hipótese de Joaquim Norberto de Sousa Silva

A segunda hipótese aqui analisada é aventada por Joaquim Norberto de Sousa Silva, literato brasileiro do século XIX. Na obra “Mosaico Poético”, de 1844¹¹ (obra de difícil acesso, aqui citada *apud* Senna, 2008, p. 408), à p. 148, em nota de rodapé, o autor tece a seguinte consideração acerca do surgimento da forma *pétala*:

Eu sei que algumas pessoas traduzem a palavra *petalum* por pétalo; mas os que reflectirem, que traduzimos *folium* por folha, e que *petalum* é uma folha da corolla, certamente reconheceram, que é mais conforme ao genio da lingua portugueza dizer petala, do que petalo. O Dr. Tavares, lente da Universidade de Coimbra, usa da palavra petalo, por petala.

A reflexão de Sousa Silva é inteiramente especulativa, não sendo embasada em dados concretos nem em teorias linguísticas; mas traz a interessante ideia de que o gênero feminino de *pétala* pode ter surgido por analogia ao gênero feminino de *folha*, visto que a *pétala* pode ser considerada uma espécie de folha (a folha da flor). Tal “contaminação” de gênero não é desconhecida em português. Freitas *et al.* (2003), exemplificando com *homepage* e *internet* (femininos por analogia a *página* e *rede*, respectivamente), entre outras, chamam a esse fenômeno de “atração sinonímica”. Alves (1988, p. 10) menciona “as *homelands*”, feminino por associação a “pátria”, e “a *new left*”, feminino por associação a “esquerda”; em outro trabalho (ALVES, 2007, p. 81), a autora também dá o exemplo de “a *trading*”, que recebe o gênero feminino por analogia com “a negociação”. São também possíveis de serem encontrados usos como “o musse” (alimento de consistência espumosa – feminino de acordo com o dicionário Houaiss) – por provável analogia com “doce” ou “alimento” – e “o pipa” (brinquedo formado por uma armação de varetas recoberta de papel – feminino de acordo com o dicionário Houaiss) – por provável analogia com “papagaio”, seu sinônimo.

¹¹ As referências completas da obra são: SILVA, Joaquim Norberto de Sousa & ADÊT, Emile. *Mosaico poético: poesias brasileiras antigas e modernas, raras e ineditas, acompanhadas de notas, noticias biographicas e criticas, e de uma introdução sobre a litteratura nacional*. Rio de Janeiro: Tipografia de Berthe e Haring, 1844.

No entanto, se é possível encontrar exemplos de unidades lexicais a que é atribuído um gênero diferente do inicial por “contaminação”, parece não haver casos em que, além da atribuição do gênero, também ocorre a mudança da vogal final, como seria o caso de *pétalo* para *pétala*. Assim, essa hipótese, embora possível, fica enfraquecida. Por fim, também se deve mencionar que essa hipótese pressupõe que *pétala* seja diacronicamente posterior a *pétalo*, o que é possível, mas não corroborado pelos dados de que se dispõe (cf. seção 3.2).

2.3.3 Analogia com o adjetivo *apétalo* – hipótese de Cândido de Figueiredo

O filólogo Cândido de Figueiredo, em obra sobre os “vícios” (erros) da linguagem médica (e científica em geral), faz conjecturas acerca do surgimento da forma feminina *pétala*. Inicialmente (FIGUEIREDO, 1922, p. 76-77), afirma que as formas grega e latina indicam que a forma portuguesa “correta” seria *pétalo*; também afirma que “em espanhol e italiano, temos *pétalo*”; mas a palavra na língua portuguesa “entrou sob a forma de substantivo feminino”¹². Ao procurar explicar a forma feminina, inicialmente, o autor apresenta a hipótese da atração pelo gênero de *folha*, ou seja, a mesma hipótese aventada por Sousa Silva (cf. seção 3.3.2). Mas também traz outra hipótese, aqui transcrita:

As pétalas, constituindo as peças de uma corola, são mais vulgarmente chamadas folhas da flôr. A influência do gênero e da forma de folhas não determinaria a forma feminina de pétalas? Depois, o grego petalon, petalos, relaciona-se com o adjectivo latino patulus (aberto); e o adjectivo latino poderia sugerir a locução folhas pétalas, por processo análogo ao com que temos flores apétalas. Se apétalas é bom adjectivo, poderia ocorrer o seu antónimo pétalas e substantivar-se depois, para designar as peças da corola. (FIGUEIREDO, 1922, p. 77)

¹² Conforme já mostrado no presente artigo, Figueiredo está parcialmente equivocado: a forma feminina existiu em italiano (cf. seção 3.1.3) e, em português, a palavra entrou nas duas formas, feminina e masculina (cf. seção 3.2).

Inicialmente, é importante notar que Figueiredo traz um reforço à hipótese da atração do gênero de *folha*, que é a existência da expressão “folhas da flor”. Tal expressão de fato ocorre em textos do século XIX (conforme revelou pesquisa no portal Google Livros, efetuada em 7 de julho de 2019). Mas Figueiredo também traz outra hipótese a ser considerada, que é a analogia com o adjetivo *apétalo* (“desprovido de pétalas”): a partir desse adjetivo, teria surgido o adjetivo *pétalo* (“provido de pétalas”), que, concordando com “flor”, passaria ao gênero feminino para, em seguida, ser substantivado na forma *pétala*.

No entanto, se o adjetivo *apétalo*, de fato, ocorre em contextos extraídos do Google Livros, no século XIX, inclusive em sua forma feminina, o mesmo não se pode dizer do suposto adjetivo *pétalo*¹³: expressões como “flor pétala”, “flores pétalas”, “planta pétala” e “plantas pétalas” não retornam nenhuma ocorrência no Google Livros. Evidentemente, é possível que tal adjetivo tenha existido mas não tenha aparecido nas obras digitalizadas no portal; a hipótese poderá ser, portanto, fortalecida se forem encontrados contextos de uso de tal adjetivo.

Porém, é possível supor que a existência da forma feminina de *apétalo* (em expressões como “flor apétala” e “planta apétala”, efetivamente atestadas no Google Livros) tenha influenciado a fixação da forma *pétala* como a mais usada em português. A hipótese de Figueiredo passaria a ser uma hipótese explicativa da fixação de uma das formas, em vez do surgimento.

2.3.4 Influência de outras línguas românicas

A quarta e última hipótese a ser levada em consideração é a de que a forma *pétala* teria surgido, em português, por influência de outras línguas românicas. Conforme já abordado na seção 3.1, o italiano já teve a forma feminina (que, aparentemente, caiu em desuso) e a palavra francesa tem gênero oscilante desde, aparentemente,

¹³ Curiosamente, o adjetivo *pétalo* aparece, em espanhol, em uma única obra: *Elementos de Botánica*, de Aquiles Richard, uma tradução espanhola de obra francesa, datada de 1831. Por ser uma única obra e, além disso, por ser uma tradução, não parece ser evidência sólida de que tal adjetivo tenha sido largamente usado em espanhol, menos ainda que tenha influenciado o português.

seu surgimento no século XVIII. Assim, resta conjecturar de que forma essas línguas podem ter influenciado o português.

É sabido que textos em latim circulavam nos meios científicos europeus, especialmente universidades. Dessa forma, termos latinos foram sendo introduzidos nas línguas vernáculas por meio do ensino universitário e de reuniões científicas em geral. Mas também é sabido que muitos intelectuais e professores universitários, em Portugal, eram de origem estrangeira¹⁴. Assim, é razoável supor que suas línguas maternas possam ter influenciado a forma dos termos recém-adotados. Como o *terminus a quo* em francês é mais recuado do que o das outras línguas europeias aqui consideradas, é possível supor que o termo tenha circulado, inicialmente, em francês e, a partir daí, se difundido pelas demais línguas, já com o gênero oscilante (ora na forma masculina, ora na forma feminina).

3 Considerações finais

Os dados que foram trazidos aqui para discussão parecem apontar para uma etimologia de múltiplas causas. Embora seja consenso que o termo *pétala* (seja em sua forma feminina mais usual, seja na forma masculina *pétalo*) tem como étimo o latim *petalum*, termo este que circulou em textos científicos nos séculos XVII e XVIII, a passagem da forma latina à portuguesa não se deu de maneira direta.

Pode-se, agora, recuperar as perguntas que foram feitas no início deste trabalho, para formular mais precisamente suas respostas:

- (1) Por que ocorre, em português, a forma feminina *pétala*? Como ela surge?

Quatro hipóteses foram consideradas para a existência das formas concorrentes *pétalo/pétala*: a) a forma feminina derivar-se-ia da forma do neutro plural latino; b) a forma feminina teria surgido por analogia ao gênero feminino de *folha*;

¹⁴ Com a reforma da Universidade de Coimbra (1772), realizada pelo Marquês de Pombal, “vários foram os professores estrangeiros a ocupar as Cadeiras das novas disciplinas” (SOUZA, 2011, p. 153). Mas, mesmo antes desse período, já havia grande circulação de intelectuais entre as universidades europeias.

c) a forma feminina teria sofrido a influência da forma feminina do adjetivo *apé-talo*; d) o gênero oscilante do termo em francês e em italiano teria influenciado a oscilação do gênero também em português.

Nenhuma dessas hipóteses é em si mesma absurda ou pode ser excluída a partir dos dados de que se dispõe atualmente¹⁵. Assim, é possível falar em múltiplas causas: diversos fatores podem ter influenciado o surgimento das duas formas. Esse tipo de explicação é relativamente comum em Etimologia: pode-se mencionar o caso do sufixo *-agem*, resultado da fusão de dois étimos diferentes (GONÇALVES, 2009), ou os diversos casos de etimologia popular, em que uma forma é influenciada por outra. Viaro (2011, p. 225) menciona *abóboda*, influenciada por *abóbora*, ou *melancia*, proveniente de *belancia*, mas com a alternância *m/b* influenciada por *melão*.

(1) Em que período e por qual razão a forma feminina suplanta a forma masculina? Seria uma das formas posterior à outra?

Os dados encontrados parecem apontar para uma especialização de sentido das formas a partir de fins do século XIX: a forma masculina, cada vez menos usada, especializa-se no seu sentido técnico, sendo encontrada, ao longo do século XX, apenas em textos especializados; já a forma feminina passa à “língua geral”, sendo a forma mais difundida e usada até hoje em todos os contextos.

O estudo de caso aqui realizado aponta, também, para algumas reflexões teóricas e metodológicas. Inicialmente, do ponto de vista metodológico, pode-se perceber a importância dos grandes repositórios de dados textuais, como o Google Livros em especial, para os estudos de Etimologia e Lexicologia Diacrônica, por facilitarem grandemente o trabalho de busca de dados. Em segundo lugar, do ponto de vista teórico, observa-se que a etimologia de *pétalo/pétala* pode ser mais bem compreendida considerando-se que apresenta múltiplas causas, em vez de um étimo único e simples. Assim, uma afirmação como “*pétala* vem do latim *petalum*” revela-se insuficiente diante da complexidade do fenômeno etimológico.

¹⁵ Talvez caiba também discutir se são hipóteses de fato verificáveis, falseáveis, ou se são apenas especulações não-científicas. Essa discussão pode trazer contribuições para a identificação do estatuto científico da Etimologia, mas serão deixadas para trabalhos posteriores.

Referências

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA. *Diccionario da Lingoa Portugueza*. Tomo primeiro. Lisboa: Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1793. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=cspKAAAAcAAJ>>. Acesso em: 2 jul. 2019.

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo. Criação lexical*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007.

_____. Empréstimos lexicais na imprensa política brasileira. *Alfa*, vol. 32, p. 1-14, 1988. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3794>>. Acesso em: 7 jul. 2019.

COROMINAS, Joan. *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Madrid: Gredos, 1981.

CORTELLAZZO, Manlio; ZOLLI, Paolo. *L'Etimologico minore: Dizionario Etimologico della Lingua Italiana. Edizione minore a cura di Manlio Cortellazzo e Michele A. Cortellazzo*. Bolonha: Zanichelli Editore, 2004.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Vícios da linguagem médica*. 2. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, 1922.

_____. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1913. Disponível em: <<http://dicionario-aberto.net/>>. Acesso em: 5 jul. 2019.

FREITAS, T. *et al.* Processo de integração dos estrangeirismos no português europeu. In: *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, Portugal. 2003. Disponível em: <<http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2003-redip-estrangeirismos.pdf>>. Acesso em: 7 jul. 2019.

GONÇALVES, Anielle Aparecida Gomes. *Diacronia e produtividade dos sufixos -agem, -igem, -ugem, -ádego, -ádigo e -ádiga em português*. 2009. Dissertação (mestrado em Filologia e Língua Portuguesa), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-30112009-142459/pt-br.php>>. Acesso em: 8 jul 2019.

GREVISSE, Maurice; GOOSSE, André. *Le bon usage*. 14. ed. Bruxelas: De Boeck/Duculot, 2008.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MENDONÇA, Lúcio de. *Alvoradas* (versos). Rio de Janeiro: Garnier, 1875. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=dbHuAAAAMAAJ>>. Acesso em: 4 jul. 2019.

MICHAELIS Dicionário brasileiro da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2015. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la lengua española*. 23. ed. Madrid: Real Academia Española, 2014. Disponível em: <<https://dle.rae.es/>>. Acesso em: 30 jun. 2019.

RICHARD, Aquiles. *Elementos de Botánica*. Traducidos al español de la 4.^a edición francesa por D. Pedro Felipe Monlau. Tomo segundo. Barcelona: Imprenta de José Rubió, 1831. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=KAOZtNKDUNAC>>. Acesso em : 7 jul. 2019.

RICHELET, Pierre. *Dictionnaire de la langue Française ancienne et moderne...* Lyon: Frères Duplain, 1759. Disponível em: <https://archive.org/details/bub_gb_yVYOpRmOEb4C/>. Acesso em: 27 jun. 2019.

SECONDO, Giuseppe Maria. *Ciclopedia ovvero Dizionario Universale delle Arti, e delle Scienze...* Tomo IV. Nápolis, 1748. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=4grtS-siRGgcC>>. Acesso em: 1 jul. 2019.

SECONDO, Giuseppe Maria. *Ciclopedia ovvero Dizionario Universale delle Arti, e delle Scienze...* Tomo VII. Nápolis, 1753. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=b8cBJOS2l-Q4C>>. Acesso em: 1 jul. 2019.

SENNA, Janaína. Um capítulo à parte: Joaquim Norberto e a escrita da história da literatura brasileira. *Escritos. Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Ano 2, vol. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero02/sumario02.php>>. Acesso em: 6 jul. 2019.

SOUZA, Álvaro César Pereira de. *Sob as luzes das reformas pombalinas da instrução pública: a produção dicionarística luso-brasileira (1757-1827)*. 2011. Dissertação (mestrado em Educação)

MARONEZE, B. A história da pétala: etimologia de um termo científico

Linha D'Água (Online), São Paulo, v. 32, n. 3, p. 159-176, set.-dez. 2019

– Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão – SE, 2011. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4721/1/ALVARO_CESAR_PEREIRA_SOUZA.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2019.

TRÉSOR de la Langue Française informatisé. ATILF – CNRS & Université de Lorraine. Disponível em: <<http://stella.atilf.fr/>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

VANDELLI, Domingos. *Diccionario dos Termos Technicos de Historia Natural...* Coimbra: Real Officina da Universidade de Coimbra, 1788. Disponível em: <<http://purl.pt/13958>>. Acesso em: 3 jul. 2019.

VIARO, Mário. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

Recebido: 09/07/2019.

Aprovado: 20/08/2019.